

## Terceiro capítulo

### A teoria lacaniana da psicose

Para avançarmos na discussão, vai ser preciso fazer um percurso que passe pela teoria da psicose em Freud e em Lacan, em sua relação com o Outro e o laço social. Levantamos – com a ajuda de Souza (1999) e Hanna (2000) - os textos principais de Freud sobre o assunto, onde ele inicia uma teoria da psicose, que se mostra em aberto, dando espaço para que Lacan, mais tarde, dê continuidade. Traremos então um resumo do percurso de ambos. Em Lacan, vemos o quanto ele se debruçou sobre o tema das psicoses e diferenciaremos dois momentos do texto de Lacan sobre o tema. Para isto, tomamos a leitura de J-A. Miller da clínica da psicose a partir de Lacan.

Essa passagem será necessária para localizarmos de onde partimos quando tratamos da clínica da psicose. Somente assim, é possível voltarmos à discussão sobre a *autonomia*. Se não fizermos um percurso que procure dar minimamente conta de uma teoria do laço na psicose, não poderemos tratar da questão da *autonomia* no campo da Reforma Psiquiátrica, pois sem laço, não podemos sequer falar em *autonomia*. Isto porque, como vimos, *autonomia* pressupõe vínculo, laço, ligação, determinação.

## 1

### As bases da teoria lacaniana da psicose em Freud

A partir de Freud, podemos levantar quatro idéias de base, que sustentam e fazem o solo de onde Lacan vai partir em sua teorização sobre as psicoses:

1. Em 1894, em *Novos comentários sobre as neuropsicoses de defesa*, ele examina a paranóia crônica e identifica que, neste caso, se dá uma “repressão da auto-acusação pela via da projeção”, fazendo com que a acusação seja vivida como vinda do outro. Numa carta a Jung, de 1908, ele acrescenta que o mecanismo responsável pela psicose (tratada à ocasião como demência precoce e paranóia) seria a retirada de

investimentos libidinais do mundo dos objetos. Ele denomina isso de “repressão por desligamento da libido”.

Finalmente, em 1894, Freud, em *Neuropsicoses de defesa* vai denominar o mecanismo que rejeita tanto a representação quanto o afeto intoleráveis como *Verwerfung*, a que Lacan dará um destino célebre em sua teoria da forclusão (Souza,1999).

*Há, entretanto, uma espécie de defesa muito mais poderosa e bem-sucedida. Nela, o eu rejeita a representação incompatível juntamente com seu afeto e se comporta como se a representação jamais lhe tivesse ocorrido. Mas a partir do momento em que isso é conseguido, o sujeito fica numa psicose que só pode ser qualificada como ‘confusão alucinatoria’.* (Freud, 1894, p.64)

2. Já em 1911, em *Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia*, ele diz que o paranóico reage com delírios de perseguição para repelir uma fantasia de desejo homossexual. Além disso, ele acrescenta que o que é reprimido reaparece vindo de fora. Lacan retoma essa idéia quando afirma: *É assim que o discurso vem a realizar sua intenção de rejeição na alucinação. No lugar em que o objeto indizível é rechaçado no real, uma palavra faz-se ouvir...*(Lacan, 1955, p. 541).

3. É em 1924 em *Neurose e Psicose e A Perda da realidade na neurose e na psicose*, que Freud faz, pela primeira vez, uma diferenciação entre neurose e psicose. Aparece, nesse momento, a idéia de que o tipo, o alvo, o sucesso ou fracasso da defesa vão determinar o destino neurótico ou psicótico do sujeito. (Souza, 1999) Ele apresenta a idéia de que, na neurose, a defesa se dá contra um fragmento do Id, enquanto, na psicose, ela se volta contra um fragmento da realidade. Além disso, ele vai dizer que o sujeito psicótico rejeita o mundo externo, pois rejeita a lei de proibição do incesto. Na ausência da lei instaurada pelo complexo de Édipo, alguma coisa vem para se colocar neste lugar, retificando-a.

4. Como último elemento essencial, o delírio será apresentado como uma solução, através da criação de uma nova realidade. Tomando o que Freud dispôs em 1914, no texto sobre o narcisismo, na psicose, o vai e vem do investimento libidinal entre o Eu e os objetos não se dá. Neste caso, o Eu é tomado como objeto, e o delírio

é também uma tentativa de solução para isso, na medida em que ele restitui alguma relação com os objetos. No entanto, essa solução é parcial, pois o Eu continua sendo tomado como objeto (Hanna, 2000).

## 2 A forclusão do Nome-do-Pai

Podemos dizer que o psicótico está no mundo de modo diverso do modo neurótico, e que Lacan verifica isso, na posição do psicótico diante do Outro (da cultura, do social).

Na chamada “clínica da psicose” verifica-se uma dificuldade específica no que se refere à relação desses pacientes com o social, uma vez que seu Outro não tem em si nenhuma marca de impossibilidade. Isso determina uma existência marcada pelo excesso e caos.

O efeito maior é que a vida de muitos psicóticos fica restrita a poucas relações (auto-imposta de modo a instituir um impossível, um furo onde não há). Vemos isso em relação ao trabalho, à vida sexual, à vida em família, em comunidade etc.

O Outro, na psicose, não possui a marca da castração, da falta, e isso quer dizer que ele será de difícil localização, já que é onipresente. Outro do psicótico *não é exatamente alguém, não exatamente um corpo, mas sim o Outro de um gozo não localizado, que está em todo lugar como presença maciça, invasiva e ao mesmo tempo fluida...* (Vieira, 2005, p. 105) É o que o delírio tentará fazer, dar-lhe corpo, nem que seja dando-lhe a forma de um ser todo-poderoso, perseguidor, que se costuma chamar de “não-barrado”.

*A minha verdade é a melhor de todas porque não quero criar confusão.<sup>1</sup>*

Recortar essa frase do discurso de Julio foi essencial, uma vez que ela revela algo próprio do funcionamento psicótico: há uma “escolha” subjetiva em não estar no mundo de uma forma particular. Na psicose, ocorre algo que não assegura um laço

---

<sup>1</sup> Frase dita por Julio (morador do HPJ) no contexto de uma reunião com os pacientes moradores do Albergue do HPJ, sobre temas livres.

social com aparência de imediato (como na neurose), naquilo que ele tem de compartilhável, que faz com que minimamente consigamos nos comunicar. Essa comunicação, situada no campo da neurose, implica um mal-entendido, dúvida, que talvez se refira ao que Julio disse sobre “não criar confusão”.

Lacan considerou a clínica das psicoses como fundamental para a psicanálise, na medida em que a psicanálise de seu tempo estava bastante envolvida e restrita à clínica das neuroses (Wartel, 2005). Seu ensino foi marcado por uma releitura da obra de Freud. Sobre o campo das psicoses, Lacan dá ênfase à idéia da *Verwerfung* freudiana, identificando-a como a causa da psicose e traduzindo-a por forclusão do Nome-do-Pai (NP).

Em vez de priorizar o mecanismo explicativo da psicose como retirada de investimento libidinal do mundo dos objetos (repressão por desligamento da libido), em defesa contra a interdição do incesto, para Lacan, trata-se da forclusão<sup>2</sup> do NP, o mecanismo específico da psicose; marcando sua diferença radical em relação à neurose.

Observamos que a palavra *Verwerfung* aparece poucas vezes no texto de Freud, assumindo sentido pouco preciso:

*A teoria da repressão tornou-se a pedra angular da nossa compreensão das neuroses. Um ponto de vista diferente teve então de ser adotado no tocante à tarefa da terapia. Seu objetivo não era mais ‘ab-reagir’ um afeto que se desencaminhara, mas revelar repressões e substituí-las por atos de julgamento que podiam resultar quer na aceitação, quer na condenação (Verwerfung) do que fora antes repudiado. Demonstrei meu reconhecimento da nova situação não denominando mais meu método de pesquisa e de tratamento de catarse, mas de psicanálise (Freud, 1925, p. 43).*

*Uma repressão é algo muito diferente de uma rejeição (verwerfung). (Freud, 1918, p. 102)*

---

<sup>2</sup> Forclusão é um termo que vem do francês *forclusion*, que, por sua vez, foi tomado de empréstimo do vocabulário jurídico. No contexto jurídico, quer dizer quando um processo está sem condição de apelação por ter se perdido o prazo legal. Em francês, *forclusion* também corresponde a uma forma de negação. Tomada no sentido psicanalítico, ela designa que algo não foi incluído e que, ao mesmo tempo não deixa de existir (Kaufmann, 1998).

Lacan, por sua vez, faz um recorte do termo, distinguindo-o da repressão (*verdrangung*) e da denegação (*verneinung*)<sup>3</sup>. A respeito da psicose, ele aparece em *De uma questão preliminar a todo tratamento de psicose*:

*A Verwerfung será pois considerada por nós como forclusão do significante. No ponto em que, veremos de que maneira, é chamado Nome-do-Pai, pode pois responder no Outro um puro e simples furo, o qual, pela carência do efeito metafórico, provocará um furo correspondente no lugar da significação fálica* (Lacan, 1958, p. 564).

Para chegar a essa idéia, Lacan primeiro vai nos anos 1950, retirar a psicose do campo da compreensão, abordando a linguagem a partir do significante e não do significado. No *Seminário sobre as psicoses* (1955/1956) e no escrito “*De uma questão preliminar para todo tratamento de psicose*” (1958), Lacan situa a causa da psicose na linguagem e, a partir dela, vai apontar para o tratamento dos sujeitos psicóticos:

*... deve haver alguma coisa no princípio desse déficit [relativo à psicose], e que ela não é simplesmente a experiência impressa dos impasses das significações, porém a falta de alguma coisa que funda a própria significação, e que é o significante (...) se trata (...) de alguma coisa que se coloca conferindo autoridade à lei... Com efeito, o que autoriza o texto da lei se basta por estar, ele mesmo, no nível do significante. Trata-se do que chamo Nome-do-Pai... (Lacan, 1955, p. 152).*

A forclusão é então referida ao Nome-do-Pai, este significante que assinala uma impossibilidade (a interdição do incesto segundo Freud) e que, por isso, confere autoridade à lei. O NP assinala uma autoridade que não se justifica, apenas se aceita e que, uma vez aceita impede o gozo absoluto e determina um gozo parcial. A partir daí, o NP traduz o fato de que as coisas possuem uma medida, uma organização, que coisas são diferentes entre si. Neste sentido, este significante, diz igualmente respeito à uma filiação simbólica, isto é, uma referência de ordenação, de lei. A forclusão deste significante vai explicar toda sorte de fenômenos psicóticos, demonstrando que, para o psicótico a linguagem não se coloca da mesma maneira que para o neurótico.

*É num acidente desse registro [simbólico] e do que se realiza aí, a saber, a forclusão do Nome-do-Pai no lugar do Outro, e no fracasso da metáfora paterna*

---

<sup>3</sup> Lacan, 1956, p.13.

*que nós designamos a falha que dá à psicose sua condição essencial, com a estrutura que a separa da neurose* (Lacan, 1958, p.582).

Mas o que Lacan quer dizer com ‘foraclusão do NP no lugar do Outro’? Ele define, no mesmo texto de 1958, que o Outro é o lugar da memória ou do inconsciente, segundo Freud. Ele acrescenta que este “lugar” exerce a função de manter indestrutíveis certos desejos. Sua leitura do inconsciente avança quando ele concebe, a partir da linguagem, a idéia de que há uma simbolização primordial (“*que o jogo do Fort! Da!, evidenciado por Freud na origem do automatismo de repetição, torna manifesta*) (Ibid., p. 581) com base na qual aborda o Outro como uma cadeia ordenada de significantes, uma estrutura.

Assim, podemos entender que o inconsciente é ao mesmo tempo, o lugar do Outro e que possui um funcionamento como o da linguagem. Vemos que o Outro, nesse sentido, é algo dado, prévio e determinante. Ele se situa no campo da cultura, e que, nessa época, Lacan por vezes equipara ao registro do simbólico, ou seja, à ordem que determina o mundo humano e que está além de nossa compreensão.

A foraclusão do NP no lugar do Outro significa que há, ali, a possibilidade da impossibilidade estrutural não se inscrever. A foraclusão do NP determina então, um Outro que se mostra de forma anárquica e absoluta, sem a marca da lei, sem furo, sem contorno preciso, pois não tem em si uma marca primordial de limitação que o NP é responsável por constituir.

A ausência do significante NP vai dizer sobre como o sujeito se situa em relação ao Outro, essencialmente buscando dar-lhe forma (bastear, limitar o gozo, barrar o outro). Assim, a presença ou não do NP se coloca como definidora da estrutura de personalidade.

### 3

#### **A metáfora paterna**

Esta leitura da psicose de Lacan parece-nos ser bastante freudiana, na medida em que a relação do sujeito com o ‘pai’ é determinante; eixo principal dos problemas psíquicos. Ela segue a direção oferecida por Freud, quando diz que a defesa contra a realidade do psicótico decorre de uma rejeição à realidade da proibição do incesto.

Nesse sentido, vem a idéia de que o psicótico não atravessa o Édipo, este mito que encena o assassinato do pai e a proibição fundamental da mãe.

Freud utiliza esse mito para falar de um desejo fundador do psiquismo (o desejo incestuoso) humano e de sua constituição como impossível/proibido. Nos neuróticos, ele se constitui como reprimido e, nos psicóticos apresenta-se sem limite: não se abandona, não se esquece. A não-travessia do complexo de Édipo – essa criação de Freud – significa que não há inscrição da falta. O sujeito não passará pela da proibição do incesto e pelo perigo da castração. Por essa razão a relação com o pai estabelecida na psicose é diversa. O pai (função paterna, não correspondente necessariamente ao pai real), na psicose - e tudo que ele representa de interdição, de lei - não se inscreve no simbólico, tendo de retornar no real como proibição “externa”, que pode, na paranóia, ganhar formas imaginárias as mais terríveis, fazendo-o aparecer encarnado em figuras de Outros avassaladores, perseguidores, que fazem uso do sujeito sem que ele possa se separar dele.<sup>4</sup>

Retomando o trecho acima citado, vemos a referência que equivale o fracasso da inscrição do significante NP no simbólico ao “fracasso da metáfora paterna”. Novamente isso nos remete ao fato de que a forclusão do NP, implica que na psicose, não há uma travessia do Édipo.

É preciso aqui salientar que a função simbólica, para Lacan, se refere ao pai morto. Com isso, enfatiza dois fatos: que o pai funciona como proibição ausente (quando se apresenta no real ou no imaginário ele é uma proibição presente) e que o pai em questão não é o genitor, mas um significante. Ele que se institui como relacionado à lei e que surge a partir do lugar que a mãe confere à palavra do pai.

Neste sentido, Lacan, em *De uma questão preliminar para todo tratamento de psicose* (1958), vai conferir uma nova leitura do Édipo, formalizada através da metáfora paterna.

Ele vai escrever que inicialmente a relação da criança com a mãe se estabelece da seguinte maneira: DM/x (desejo da mãe sobre x). Isso indica que não há uma relação direta entre a criança e o pai, mas que esta vai ser metaforizada através da

---

<sup>4</sup> O que Lacan dizia da forclusão do NP, isto é, da não-inscrição simbólica, em termos significantes dessa função paterna, parece estar, de certa forma, já presente no texto de Freud (Freud, *S Totem e Tabu*, 1913).

incidência do pai. O pai, como significante NP, vai inscrever no Outro a significação fálica como resultado dessa operação metafórica, ou seja, operação de substituição (Tendlarz, 2005). A significação fálica nada mais é do que a certeza de que nem tudo é possível já que “alguém, em algum lugar” detém o segredo do gozo absoluto (o pai). *‘Pai’ é o significante que, neste Outro (anterior ao sujeito, e imaginariamente dotado de consistência e de poder absoluto), se destaca dele e passa a furá-lo, barrá-lo, torná-lo inconsistente.* (Vieira, 2000, p. 5) O falo, por sua vez, neste momento do ensino de Lacan, quer dizer o mesmo que o “significante do desejo”, pois marca que algo estará sempre além, sempre ausente e que, uma vez encontrado, traria o verdadeiro gozo, o que se coloca dentro da cena edípica como sendo o dilema entre ser ou não ser o falo ou ter ou não tê-lo (Chorne, 2005).

Nesse período do ensino de Lacan, vemos uma predominância do simbólico no entendimento das estruturas de personalidade. A estrutura psicótica é entendida então como uma variante em relação à neurose, ou seja, como uma falta em relação à neurose. À psicose falta alguma coisa que a neurose tem.

Desse entendimento, explica-se toda a sorte de fenômenos psicóticos, pois não havendo para o sujeito, inscrito numa estrutura psicótica, a possibilidade de que a significação fálica advenha, vemos na clínica o despedaçamento do corpo, falas tumultuadas, sem nexos, falta de contorno de corpos, sujeitos errantes etc.

Nesses casos, a palavra funciona de modo peculiar; por isso, os fenômenos de linguagem foram privilegiados por Lacan na orientação a respeito do diagnóstico de psicose. Para que os significantes funcionem como tais, é preciso que não sejam coisas, mas apenas entidades vazias. Na psicose, ocorre a falta dessa possibilidade, o que torna os significantes, coisas. O primeiro efeito é que as palavras tendem a perder o sentido e a serem vividas como coisa; elas retornam para o sujeito como enigmas a serem decifrados. Tudo se torna algo a ser entendido: gestos, sensações, fatos, olhares, falas... tudo pode ser mensagem. Esse movimento em torno da busca de um sentido não cessa. Nenhuma significação é consistente o suficiente para impedir o excesso de pensamentos. A alucinação, tão presente na psicose, revela a exterioridade da linguagem, e que ela possui leis próprias. Na paranóia, principalmente, pode haver uma parada nessa busca incessante – é quando um delírio bem-estruturado se institui.



A clínica correlata a essa teoria da psicose não visa, portanto, à extinção do delírio; ao contrário, visa estabelecê-lo, pois ele é a cura, é a criação de um mundo onde o sujeito tem condição de viver. A posição do analista, segundo Lacan (1955/1956) seria a de não querer compreender a psicose pois o delírio se instituirá por caminhos singulares de significação que não se podem partilhar ou prever. Dar ênfase ao que o paciente fala ao pé da letra é fundamental para então, propiciar a montagem de um delírio.

*O psicótico é um mártir do inconsciente, dando ao termo mártir seu sentido, que é o de testemunhar. Trata-se de um testemunho aberto. O neurótico também é uma testemunha da existência do inconsciente, ele dá um testemunho encoberto, que é preciso decifrar. O psicótico, no sentido em que ele é, numa primeira aproximação, testemunha aberta, parece fixado, imobilizado numa posição que o coloca sem condições de restaurar autenticamente o sentido do que ele testemunha, e partilhá-lo no discurso dos outros (Lacan, 1955/56, pág. 153).*

Dessa maneira, o lugar possível do analista é, neste momento, de secretário do alienado<sup>5</sup>, isto é, tem o objetivo de fazer a palavra circular e procurar, junto com o paciente, encontrar um significante que possa reorientar sua posição subjetiva. O delírio é então entendido como um substituto do Nome-do-Pai foracluído. Isso permite que o sujeito “crie sua verdade”, dando, inclusive, para si alguma filiação. Surgem algumas questões: como entender os casos em que a fenomenologia não mostra claramente a distinção entre neurose e psicose? Além disso, será que conduzir um tratamento visando a construção de uma metáfora delirante é o único caminho? Considerar a psicose como deficitária em relação à neurose não é também um problema, na medida em que tende a estabelecer a neurose como solução ideal e relegar os psicóticos a um segundo plano de humanidade?

Lacan, nos anos 1970, vai reformular seu entendimento sobre a clínica das psicoses. Essa formulação inclui uma nova abordagem da articulação das três categorias com que ele, ao longo de todo o seu ensino, aborda a experiência psicanalítica: Real, Simbólico e Imaginário. Vai elaborar uma teoria da psicose que se posiciona de outra forma em relação à neurose, modificando assim, a própria clínica. A referência paradigmática deixa de ser a paranóia, a paranóia de Schreber, e passa a

---

<sup>5</sup> Lacan, 1955-1956, p. 235.

ser a solução de James Joyce e o sintoma que ele constrói como sua literatura. O Édipo deixa de ser a referência central, dando lugar a outras soluções para a forclusão do NP, sem ser necessariamente uma substituição da metáfora paterna inexistente (Gueguen, 2002, p. 9).

#### **4 O nó borromeano**

Víamos em Lacan, a predominância de uma versão do simbólico. Este era considerado como sinônimo de cultura, ordem social, hierarquizada, tendo em seu interior uma proibição fundamental que instituíra um gozo sempre limitado e parcial.

A partir dos anos 1970, a ordem paterna deixa de ser considerada universal por Lacan e o simbólico passa a ser considerado como podendo ou não constituir uma cadeia ordenada, dependendo do que ocorre em termos de articulação dos três registros<sup>6</sup>. Lacan define o modelo dos três registros como:

*...modelo mais adaptado à natureza das coisas, se considerarmos que tudo do que se trata na análise é da ordem da linguagem, ou seja, no final das contas de uma lógica. É o que justifica essa formalização, que intervém como uma hipótese* (Lacan, 2005, p.49).

Caso não haja estabelecimento de uma ordenação, o simbólico pode se apresentar como enxame e não cadeia. O enxame é a figuração lacaniana de um Outro a quem falta a falta (Lacan, 1985, p. 196)<sup>7</sup>

Dessa forma, Lacan passa a dar o mesmo peso para os registros Real, Simbólico e Imaginário. Vai pensar os casos a partir das amarrações do nó que une esses três registros e elaborar uma teoria da psicose que se coloca de outra forma em relação à neurose, modificando assim, a própria clínica. A referência paradigmática deixa de ser a paranóia, a paranóia de Schreber com sua estabilização pela constituição de uma metáfora delirante e passa a ser a solução de Joyce e o sintoma que ele constrói sem recorrer ao delírio. O Édipo deixa de ser a referência central, dando lugar a outras

<sup>6</sup> Cf. Miller, 2003.

<sup>7</sup> Cf. Também Vieira, 2004.

soluções para a forclusão do NP, sem ser necessariamente uma substituição da metáfora paterna inexistente.

*Vinte anos se passaram e a sociedade modificou-se notavelmente. Lacan percebeu isso antes de qualquer um. Ele escreveu em 1960 o declínio por vir da sociedade paternalista: ‘O Édipo não teria como manter-se indefinidamente em cartaz nas formas da sociedade em que se perde cada vez mais o sentido da tragédia’ (Deffieux, 2005, p. 167).*

A referência para se pensar essa reformulação com relação a numa segunda clínica da psicose são os seminários inéditos de Lacan *RSI (1974)* e *Le Sinthome (1975)*. Vamos aqui estabelecer algum entendimento das novas contribuições de Lacan para a clínica das psicoses a partir da leitura empreendida por J-A. Miller e seus discípulos sobre os referidos seminários.

Partimos da *Conversação de Arcachon (1997)*, uma conversa entre os psicanalistas francofônicos, na cidade de Arcachon, para falar das classificações e “de seu eventual atraso” (Miller, *Ibid*, pág. 103). Essa conversação foi estruturada a partir da apresentação de alguns fragmentos clínicos, que foram lidos à luz de uma outra perspectiva clínica.

Utilizando as palavras de Marie-Hélène Brousse, Miller situa essa nova perspectiva, presente no último ensino de Lacan, dizendo que nesta, não se trata de opor dois lados. Chama a clínica, situada a partir da obra de Lacan dos anos 1950, de uma perspectiva de clínica estruturalista, descontinuísta ou categorial e afirma que se trata, neste caso, da oposição presença ou ausência do Nome-do-Pai, como o que determina o destino do sujeito: neurose ou psicose.

No último ensino de Lacan, trata-se de pensar mais em gradação do que em oposição bem definida, por isso a idéia de chamá-la de clínica continuísta. Deffieux (2005) acrescenta ainda que não se trata de desmentir o que Lacan afirmou nos anos 1950, mas de abordá-la de outro ângulo.

Os casos apresentados para esta *Conversação* visam ilustrar algumas sutilezas clínicas. Trata-se de casos em que o desencadeamento, a evolução e a fenomenologia não são típicos de psicose. O campo da psicose estaria situado em algumas indicações. Por exemplo, no caso de um homem de 36 anos, que apresenta a queixa de “falta de energia” e é encaminhado ao analista com o diagnóstico de neurose

histórica. Alguns elementos apontam para a psicose: uma relação de estranheza entre ele e seu corpo; um esboço de metáfora delirante... (*Ibid*, p. 14) Outro caso: é um sujeito que frequenta analistas há anos e que, há sete, está com o analista que apresentou seu caso. Ele reapresenta uma contradição, pois é, ao mesmo tempo um sujeito que não apresenta nenhum fenômeno elementar psiquiátrico, vive bem, cuida bem de seu trabalho etc., mas que diz que não entender porque está vivo; não sabe quem é; não se agarra em nada, em lugar nenhum... “vivo num nevoeiro” (*Ibid*, p. 21).

Pensar nesses casos em termos continuístas, isto é, não utilizando a presença ou a ausência do NP como guia, significa incluir a idéia de que o sujeito está em constante movimento, evolução, permitindo dar lugar ainda mais para surpresas e imprevistos.

Mas, por que chamar essa abordagem clínica também de borromeana? A referência é o ensino de Lacan desse período se apoiar sobre o nó borromeano, nó que une os registros Real, Simbólico e Imaginário.

Partamos da tríade conceitual, RSI, com que Lacan pôde estabelecer sua releitura de Freud.

O registro Real nos remete à idéia de caos, de impossível de se ter acesso; o Imaginário, por sua vez, nos remete à imagem, à materialização das coisas; enquanto o Simbólico será conceituado como campo de diferenças, de uma combinatória de elementos que em si são desprovidos de sentido.

Nas palavras de Lacan, recortamos as seguintes passagens sobre R, I e S, respectivamente:

*Cada vez que queremos verdadeiramente abordar o que diz respeito ao Real, o Real é sempre o impossível* (Lacan, lição de 15/12/1965, inédito).

*Não há Imaginário que não suponha substância. Eis aí um fato estranho, mas é sempre no Imaginário, a partir do espírito que dá substância a esse modelo, que as questões que daí se formulam são secundariamente colocadas para o Real* (Lacan, lição de 17/12/1974, inédito).

*Hoje em dia, no tempo histórico em que estamos, de formação de uma ciência, que podemos qualificar de humana, mas que é preciso distinguir bem de qualquer psicossociologia, isto é, a lingüística, cujo modelo é o jogo combinatório operando em sua espontaneidade, sozinho, de maneira pré-subjetiva (Lacan, 1964, p. 26).*

Os três registros são concebidos por Lacan como enlaçados de forma borromeana, ou seja se um se separa todos se separam, como se vê abaixo:

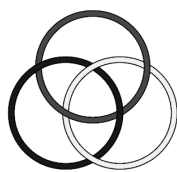


Fig. 1- Nó Borromeano

A idéia do nó borromeano é trabalhada por Lacan entre os anos 1966 e 1980. Ele é a “cadeia mínima de três elos equivalentes, que se atam mantendo a propriedade de se desatarem desde que um deles venha a se romper. Os elos são vazios, contornados por uma borda (Souza, 1999).

O uso analítico que Lacan faz da cadeia borromeana está explícito no seminário *RSI* (1974). Neste, a trilogia Real, Simbólico e Imaginário, unidas na forma borromeana, vem escrever as relações de troca entre os três registros. Segundo, Granon-Lafont (1996), essas relações se definem, respectivamente, pela “existência, pelo furo e pela consistência”.

1. A consistência equivale ao Imaginário. Este é a matéria, o material, o corpo. Lacan desenvolve essa função como estruturante na medida em que é da aparição do corpo do sujeito como imagem no espelho, que vai ser possível o processo de identificação, a formação do Eu e a entrada do sujeito no simbólico.

2. O existente é o Real, que é tudo aquilo que não é simbolizado, que está fora do jogo do sentido.

3. O furo é o Simbólico, a partir da idéia de que o furo é constituído pelo recalque primário (*Ibid*, pág. 143)

Lacan procura, com o nó borromeano, aplicar os conceitos freudianos no interior dessa escrita. Assim, o inconsciente se situa em relação ao simbólico que, por sua vez, pode ser pensado a partir de sua nodulação com o Real e o Imaginário (*Ibid*, p. 144)

Até os anos 1970, a psicose era apreendida como falha desse nó, uma vez que a forclusão do NP engendraria uma falha em S que desfaria o nó. Por essa razão, na psicose, o Imaginário se apresenta livre, sem ordem; a cadeia significante do Simbólico fica enfraquecida e o Real se impõe na forma de vozes nos ouvidos e tortura do corpo (Skriabine, 2005, p. 104).

Criando um novo mundo de significações, com o delírio por exemplo, o psicótico conseguiria enlaçar de alguma forma os três registros, mesmo que não consiga, com o delírio, proteger-se inteiramente da invasão do Outro.

O delírio era tido então como uma forma precária de enlaçamento, dando destaque ao fato de que a nova realidade que se forma é estranha e se monta sob os elementos do imaginário. O sujeito conquista uma identidade precária, especular, que sofre ameaças de aniquilamento quando da presença de Um Pai, isto é, algo que se apresenta no real, pondo em risco essa identidade especular. Morte, separação, exigências profissionais, são exemplos de exigências desse tipo, que se colocam para o sujeito, chamando-o a dar respostas simbólicas. Quando isso não é possível, cai a identificação imaginária, o remendo do nó pelo imaginário, onde ele se sustentava. Daí aparecerem as vivências de fim de mundo e as da ordem do despedaçamento corporal.

A teoria clássica partia do nó de três elos como um dado. A psicose era apreendida então, como falha desse nó, na medida em que o NP seria o responsável pelo laço desses três círculos vazios, com contorno de uma borda. Com a forclusão do NP o nó que ata os 3 elos não se faz, por isso, os registros funcionam de forma autônoma, sem relação entre si e de forma caótica. O delírio e a metáfora delirante produzem uma significação única, não compartilhável, mas, que promove uma restituição da vida do sujeito psicótico no mundo. No entanto, essa solução é precária, pois o Outro permanece se apresentando de forma maciça.

O delírio e a metáfora delirante são alguns dos instrumentos que se tem para se tentar uma reconstrução do elo que ligue os três registros: Real, Simbólico e Imaginário. Isso se verifica nos casos de psicose delirante, dos quais trata a tese de Hanna (2002).

Se tomarmos a presença do significante NP como a única garantia para que haja amarração, o psicótico estaria fora, ocorreria um fracasso na amarração. De fato, isso ocorre. As soluções elaboradas serão sempre compensatórias, ou “suplências” a esse fracasso.

A questão que se apresenta é se é possível pensar as soluções psicóticas fora do registro da compensação de um *déficit* e, a partir disso, pensar nos casos em que se consegue construir como solução para a forclusão do NP, sem ser através da criação de um delírio ou metáfora delirante.

## 5 Nó e pluralização do Nome-do-Pai

Neste momento (1975), Lacan modifica sua concepção de nó. Introduz a necessidade de um nó de quatro e não de três elos. Localiza, inclusive, essa necessidade desde Freud:

*... Simbólico, Imaginário e Real são deixados independentes, estão à deriva em Freud, tanto é isso, que lhe foi necessária uma realidade psíquica que atasse essas três consistências* (Lacan, lição de 14/01/1975, inédito).

Ao invés de nomeá-lo “realidade psíquica”, define o quarto elo como sendo o *sinthoma*<sup>8</sup>, tendo como paradigma a solução de Joyce. O sintoma seria o quarto elo, um laço que liga os três registros do nó borromeano. Ele seria o ponto que se constitui como um sistema de atar a cadeia significante, atuando como um grampo, um laço, podendo ou não ser o Nome-do-Pai (Dias Campos, 2002). Segundo Hanna (2000), a suplência é o quarto elo do nó, *solução necessária para todo ser falante fazer frente a*

---

<sup>8</sup> Não trataremos nesta dissertação sobre a proposta de Lacan em usar essa forma de escrita pra o sintoma. Lacan trata disso, principalmente, nos seminários *RSI* (1974) e *Le Sinthome* (1975).

*uma falha estrutural... Essa solução possibilita manter juntos os três registros e, ao mesmo tempo, diferenciá-los (Ibid, p. 105).*

Segundo Skriabine (2005), a diferença é que agora não existe mais nó de três, mas apenas de quatro, ou seja sempre há alguma coisa para fazer suplência seja ela NP ou não. Por isso mesmo o termo “suplência” perde sentido, sendo preferível “estabilização”.<sup>9</sup>

A idéia agora é a de que o NP equivale ao sintoma ou que o sintoma pode assumir a função de NP (*Ibid*, p. 106).

O elo de quatro a partir do NP dá proteção a um preço, que é perda de gozo, de limitação, de tudo o que diz respeito à proibição. Isso só é possível quando da implantação da função paterna (como quarto elo), naquilo que ela representa de interdição do incesto e da implantação da lei simbólica.

Dessa forma, Lacan passa a dar o mesmo peso aos registros Real, Simbólico e Imaginário, enquanto, anteriormente, havia dado ênfase ao Simbólico quase igualando-o ao campo do Outro, da linguagem, onde se situa a pluralidade de sentido, de sentidos concernentes à cultura.<sup>10</sup>

Lacan apresenta formas diferentes de suplência/ estabilização, sendo o nó de Joyce um exemplo fundamental de sintoma que amarra os três elos do nó de forma diferente da forma borromeana.

*Se vocês acham, em algum lugar, eu já desenhei, isto que esquematiza a relação do Imaginário, Simbólico e do Real, como separados um do outro, vocês já, em minhas precedentes figurações, conheceram sua relação, a possibilidade de os ligar pelo quê? Pelo Sinthome (Lacan, 1975, p.13).*

Dessa idéia, deriva outra, que pluraliza os Nomes-do-Pai. Permanece a idéia de que o que ata é o NP, mas que, da ausência dele, algo deve ser criado em seu lugar. Não se trata de pensar em neurose *versus* psicose, a partir da presença ou ausência de delírio ou metáfora delirante, mas em termos de que tipo de solução (tipo quarto elo) cada sujeito cria para amarrar o nó.

<sup>9</sup> Trataremos dessa distinção, brevemente, no próximo capítulo.

<sup>10</sup> Arantes, 2006.



O passo seguinte é definir como sintoma tudo o que fizer estabilização, tomando, assim, o mesmo peso que uma metáfora delirante. Da mesma forma, o sintoma procura barrar o gozo do Outro, para o qual o simbólico desatado não faz barragem (*Op. Cit.*, p. 105). Do mesmo modo podemos pensar que a metáfora delirante é também um sintoma - a diferença entre ela e a metáfora paterna é que a última é compartilhada.

Assim, podemos dizer que a diferença se encontra no distanciamento que essa concepção estabelece em relação ao complexo de Édipo. Mantém-se a importância do NP, como algo que é criado para dar um lugar, uma filiação para o sujeito, como uma solução, uma direção, até mesmo cura. A diferença talvez esteja no fato de que não há um modelo de referência para a criação de tal solução; um modelo de referência paterno. Assim, podemos concluir afirmando que a clínica que se apóia no nó borromeano não exclui a ‘primeira clínica’ (que costuma também ser chamada de ‘clássica’) mas é uma continuidade da mesma. Apenas dá mais ênfase aos modos singulares/artesanais de constituição de estabilização e considera que a estabilização pelo NP, apesar de mais facilmente coletivizável, também pode romper-se.

## **6** **A forclusão generalizada<sup>11</sup>**

Vemos, então, com J. A. Miller, uma teoria da psicose lacaniana diversa da dos anos 1950. Em *A Conversação de Arcahon* (1997) parte-se da idéia de que não há diferença estrutural entre neurose e psicose com base na falta de um significante primordial (NP) segundo sua presença ou ausência, mas, sim, uma confrontação de ambas as estruturas a partir de uma falha na própria estrutura da linguagem, que torna o Outro inconsistente (nó de três inexistente). Formula-se a idéia de uma forclusão generalizada, uma forclusão primordial, da qual todo sujeito tem que dar conta (um quarto nó deve ser construído por cada um). Com isso, não se abandona a teoria anterior da psicose, mas ela é incorporada num outro lugar. A metáfora paterna passa a ser lida como uma solução a partir de uma referência edípica. É uma entre outras

---

<sup>11</sup> Esta concepção ficou também conhecida como a tese lacaniana da universalização do delírio e que J.-A. Miller, em 1996 desenvolve com a tese de universalização do sintoma (Gueguen, 2002).

possíveis. A referência para a formulação dessa teoria é o Seminário de Lacan *Le Sinthome* (1975).

Referido à teoria lacaniana “clássica”, o significante NP corresponde ao que falta à psicose em relação à neurose. A partir do momento em que se constata, na clínica, um declínio da organização edípiana e a apresentação de casos de psicose mais ordinários que extraordinários, entende-se que o Outro está inconsistente, e a psicanálise vê-se convocada a remanejamentos em sua clínica (Santos, T.C, 2004).

*Simplesmente ocorrem casos – e são numerosos – em que a forclusão do Nome do Pai não é clinicamente constatável, seja porque os transtornos da linguagem não estão presentes ou não são perceptíveis pelo exame clínico aprofundado, seja porque temos diante de nós um caso em que o desencadeamento não aconteceu, seja ainda porque os transtornos do qual o sujeito é acometido manifestam-se, ao menos de maneira provisória* (Gueguen, 2002, p. 4).

O afrouxamento da organização edípica vai modificar tanto as formas da neurose quanto as de psicose (Santos, 2004). Essa é a hipótese relacionada à perspectiva clínica continuísta, referida acima, na qual se privilegia o sintoma como aquilo que há de mais singular e inclassificável do sujeito. Essa formalização clínica coincide com a idéia de Lacan de pluralização do NP.

*O sucesso da psicose ordinária em nossos dias é, em muitos aspectos, fracasso da psicose extraordinária – da paranóia com seu cortejo de delírios megalomaniacos, místicos etc. Ele narra a dificuldade atual de se construir grandes sistemas delirantes espelhando-se no edifício paterno, uma vez que o Pai já não mais sustenta as poderosas instituições verticais de outrora. O sucesso da psicose ordinária, traduz também, dessa forma, o fracasso da neurose clássica, fundada na crença na exceção paterna como modo de conciliação entre desejo e gozo. Traduz ainda o surgimento de uma “neurose ordinária”, mais afeita a depressões e pânico e menos a um trabalho subjetivo ou dimensão fantasística evidentes* (Vieira, 2006, prelo).

Segundo a idéia da forclusão generalizada, para todos os sujeitos, no início era o caos. Haveria, supostamente, uma forclusão fundamental, primordial, que poria todos em pé de igualdade: fora do discurso. Dependendo da resposta que se dê para esse caos, o resultado será neurose, psicose ou perversão. Essa idéia supõe também que, para se sair desse caos primordial, todos temos de passar por uma *Bejahung*, que seria responsável pela entrada de todos na linguagem. Na psicose, o que ocorreria é, de fato, a recusa do significante paterno e daí decorre o problema da representação do

sujeito para outros significantes. Na neurose haveria um “grande sim” para o significante paterno e, na psicose, um sim seguido de um não. Essa idéia (de foraclusão generalizada) procura manter a foraclusão localizada como o mecanismo que explica a psicose, mas também, aproxima neurose e psicose (*Ibid*).

Segundo Chorne (2005), em *RSI* e no Seminário *Le Sinthome*, Lacan generaliza o mecanismo da foraclusão. O sintoma não é algo mais a ser decifrado; mas é aquilo que não diz nada a ninguém. O sintoma vai se definir não por sua relação com efeitos de significação, mas no registro de uma escritura. A psicose é o modelo para o entendimento disso.

Segundo Gueguen (2002), o sintoma é definido como uma formação do inconsciente, que procura, na psicose, refazer a união entre as palavras e as coisas. A tese de Miller, da universalidade do sintoma, procura dar conta da idéia de que o sintoma é o que se apresenta como solução, para todos, sobre o impossível do Real. Ele chama o sintoma de “parceiro” na medida em que o ele não muda, porém, com o qual, se pode aprender a conviver de outra forma. Esse seria o objetivo da análise. O tratamento para o psicótico, nesse sentido, não se diferencia da neurose pois trata-se de ir até o limite em que o sujeito “saberá se virar com o sintoma” (*Ibid*, p. 9). A diferença, nesse caso, é que o sintoma é tomado como algo que consegue contornar o real pulsional, sem necessariamente através de uma solução que se suporta na significação fálica (*Ibid*).

Zenoni (1998) aponta para o perigo de essa teoria conferir um aspecto vago à clínica pelo fato de ser de fácil generalização. A importância dela, no entanto, estaria no fato de possibilitar o acolhimento do que é novo em cada caso, estar mais atento a outros sintomas, outras formas de solução do que a forma “NP”. Assim, a loucura passa a ser possível de habitar qualquer um que esteja no âmbito da linguagem, seja ele psicótico ou não. Permanecem então as diferenças estruturais, destacadas por Lacan na década de 1950, a clínica, porém, ganha um enfoque menos hierarquizado, permitindo uma leitura das estruturas, que inclua mais movimento subjetivo.

Pelo exposto até aqui, estar no Outro de forma autônoma, segundo a “clínica lacaniana clássica”, significa construir uma solução para a foraclusão do NP, através do delírio ou da metáfora delirante, dando um lugar para o sujeito no Outro. Assim, o

psicótico pode minimamente se afastar de uma posição de objeto de gozo do Outro estabelecendo um lugar no social. Construir uma explicação singular para sua existência permite a ele se organizar minimamente, fazendo com que não fique tão habitado pela linguagem, mas que possa habitá-la também. Ser mais autônomo, nesse sentido, é poder se fazer compreensível, ter algum contorno para seu corpo, poder compartilhar de algo, estar de maneira, mesmo que precária, situado no campo das significações. É o que tentaremos abordar no próximo capítulo.